A Bíblia às avessas: uma releitura irônica do Gênesis no conto “Na arca”, de Machado de Assis

The Inverse Bible: an ironic rereading of Genesis in the short story “Na arca” by Machado de Assis

Tiago Ferreira da Silva

Doutorando em Literatura – Universidade de Brasília
tiago_fsilva@yahoo.com.br

Palavras-chave: Bíblia, Machado de Assis, Arca-de-Noé, ironia, realidade histórica, contradição humana.

Keywords: Bible, Machado de Assis, Noah’s ark, irony, historical reality, human contradiction.

Nos contos da chamada “fase madura” da produção de Machado de Assis (iniciada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e nos contos de *Papéis Avulsos*), a presença da religião e de elementos ligados ao universo religioso (cristão) constituiu um dos elementos recorrentes para ilustrar a visão crítica e o pessimismo do autor. Nas narrativas em que esses aspectos são mais claramente utilizados, há mais do que uma mera abordagem dessa temática: o autor trabalha com uma escrita que se estrutura em dizer o não dito, valendo-se, muitas vezes, de alegorias ou de certa ornamentação de suas narrativas com uma roupagem religiosa para nos remeter à configuração histórico-social da sociedade em que vivia, como se percebe no conto “Na Arca – três capítulos inéditos do Gênesis”, integrante da coletânea *Papéis Avulsos*.

A visão problematizadora que aparece com toda a força nos chamados “contos da maturidade” (de *Papéis Avulsos a Páginas recolhidas*), auge da capacidade criadora de Machado, traça um quadro da realidade, tipos e costumes do Brasil do Segundo Reinado e Primeira República, mesmo que recorrentemente o autor trate o assunto de forma alegórica¹. A problematização presente em suas pequenas narrativas revela que o autor dispôs-se a travar um vigoroso e particular diálogo com a vida, disso resultando a sua decisiva e radical opção pelo questionamento essencial dos fatos e pela análise profunda da “eterna contradi-

¹ A alegoria consiste, segundo Flávio Kothe, “na representação concreta de uma ideia abstrata”, em que se representa algo para indicar outra coisa (Kothe, F. R. (1986). *A alegoria*. São Paulo: Ática).

ção humana” (Assis, 2007, p. 190), tema recorrente em suas obras, mais uma vez abordado no conto “Na arca”.

O que se pretende mostrar é que a apropriação do texto bíblico de forma irônica, conforme se vê no conto, revela o pessimismo do autor, pois relativiza algo tido como sagrado, de certa forma invertendo-lhe o sentido. Além disso, a forma do conto e a temática nele presente abrem espaço para uma reflexão sobre o universal, ao tratar da ganância humana desde os tempos imemoriais da Bíblia até o século XIX, devido à menção à Guerra da Crimeia, e também sobre o local – a realidade brasileira –, no que se refere à sua complexa formação, marcada pela disputa territorial e pela propriedade privada e a seu ainda contraditório presente, no qual as marcas do processo colonizador permanecem nítidas.

Baseado no que Antonio Candido denominou *redução estrutural* (Candido, 2010), procura-se entender como, por meio da forma literária machadiana, é possível perceber a realidade histórica ali inscrita, que se faz notar pela configuração artística e pelos recursos utilizados pelo autor para dar a impressão de verdade, para explicar o aparente por meio do oculto. Por mais que haja especificidade na forma de narrar e no conteúdo do conto “Na arca”, a ponto de partida deve ser a obra em si, no modo como se configura artisticamente. Assim, torna-se perceptível como as particularidades nela existentes se universalizam, levando a outra percepção da história, a partir das contradições por ela iluminadas.

O texto machadiano se mostrará capaz de penetrar no real, mas não por assumir um caráter documental e descritivo. O autor possui a capacidade de narrar a realidade, mesmo que por meio da alegoria bíblica. Embora recorrendo a um tipo de texto cuja estrutura não se insere mais nos padrões literários vigentes no século XIX, isso não diminui as reflexões ali levantadas nem tampouco afasta o autor das questões de seu tempo e de seu país.

O texto bíblico é essencialmente alegórico, porém suas construções figurativas são carregadas da essência humana e ao homem falam, no intuito de doutrinar e instruir, objetivando a aceitação dos princípios divinos nele presentes. Mesmo que se identifique um conteúdo histórico no que a Bíblia narra, prevalece o tom doutrinário, o qual reforça a pretensão de universalidade e atemporalidade característico de textos religiosos com caráter fundador.

Ao recorrer ao texto sagrado da cultura judaico-cristã – não fazendo citações como em outros textos, mas se apropriando, ironicamente, do peculiar discurso bíblico, Machado de Assis não só deixa clara certa relativização do que seria sagrado e, por consequência, intocável e absoluto, como também, pelo conteúdo que insere no discurso bíblico apropriado, uma problematização na tentativa de reinterpretação dos fatos narrados no Antigo Testamento, com intuito de discutir as contradições humanas, mas também, as questões históricas e políticas que a narrativa de “Na arca” deixa ver.

Desde o título, o que fica mais nítido no conto é que se trata de uma reescrita da Bíblia. O subtítulo “três capítulos inéditos do Gênesis” indica a perspectiva irônica assumida por Machado ao propor suplementar o texto original, continuando de onde este parou – o que sugere certo “desrespeito bem-humorado e irônico (Gledson, 2007)”, que acompanha o narrador, tendo em vista que ele propõe oferecer novos capítulos de um texto sagrado. Assumindo a gravidade

e a concisão do estilo bíblico, inclusive numerando os parágrafos de seu texto como se fossem versículos, o autor usa as mesmas estratégias que caracterizam o texto hebraico para compor sua narrativa.

Se, a ausência de maiores explicações e a precariedade dos elos que unem as partes de uma mesma narrativa caracterizam o estilo bíblico, pode-se dizer que esses elementos estão presentes no conto machadiano, já que a narrativa começa de forma abrupta, sem maiores contextualizações por parte do narrador. Note-se, sobre isso, a cena inicial:

1 – Então Noé disse a seus filhos Jafé, Sem e Cam: — Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais.

A arca tem de parar no cabeço de uma montanha; desceremos a ela. (Assis, 2007, p. 32)

Convém observar que, na Bíblia, pouco se fala sobre o período de cento e cinquenta dias em que Noé, sua mulher, seus três filhos e as mulheres destes passaram na arca. É como se o texto machadiano, nesse sentido, preenchesse uma lacuna do Gênesis. Os três capítulos inventados pelo escritor poderiam ser situados entre os capítulos 7 e 8 da parte citada da Bíblia.

Diferentemente da Bíblia, em que Noé e Cam podem gerar discussões sobre justiça, na versão do escritor brasileiro são os filhos Sem e Jafé os exemplos de que o ser humano é injusto e ambicioso. O texto machadiano mostra, nos três capítulos inéditos, que a corrupção do homem já estava presente sobre a arca.

No conto, os irmãos Sem, Cam e Jafé discutem sobre uma possível divisão da terra que poderá ser realizada assim que as águas secarem sobre a embarcação. Chegam ao consenso de que cada casal, incluindo o pai e a mulher, terá direito a uma propriedade de quinhentos côvados. Os irmãos concordam que entre a terra de Sem e a de Jafé haverá um rio que as dividirá. O conflito no “Capítulo A” surge quando Sem pergunta ao seu futuro vizinho sobre a propriedade do rio: “a quem pertencerá a água do rio, a corrente?” (Assis, 2007, p. 33). Sem propõe então fincar um pau no meio do rio e dividi-lo.

Diante do comentário de Jafé, de que a correnteza levaria o pau, Sem diz que ficará com o rio e as duas margens e que o irmão deveria descontar o terreno perdido na sua outra margem. Jafé sente-se roubado e menosprezado, diz que quer o rio todo e ameaça o irmão vizinho de morte.

No “Capítulo B” Cam propõe chamar as mulheres dos irmãos para ajudar na solução do caso, mas é impedido por eles. Depois propõe uma solução: ficaria com o rio e vinte côvados de cada irmão e abriria mão de seu território para apaziguar os dois. Sem e Jafé o ignoram e iniciam uma briga, o que leva Cam a procurar o pai Noé e as mulheres de seus irmãos.

Já no último capítulo, “Capítulo C”, Noé chega e ordena que a briga seja cessada. Jafé e Sem permanecem ensanguentados e contam-lhe o que ocorrera. O pai, então, lhes amaldiçoa dizendo: “Maldito seja o que não me obedecer [...]. Ora, pois, vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas” (Assis, 2007, p. 37). A seguir, finalizando o conto, tem-se a seguinte cena:

25 – E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26 – Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa de limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?

27 – E nenhum dos filhos de Noé pode entender esta palavra de seu pai.

28 – A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo. (Assis, 2007, p. 37)

Quando o narrador trata de apontar, na narrativa mítica e primordial do Gênesis, o possível nascedouro de conflitos políticos, baseados na disputa territorial entre a Rússia e a Turquia, dois países em constante atrito no tempo de Machado, o narrador sinaliza não só para a possibilidade de reescrita do texto bíblico, como também indica os muitos sentidos ocultos que esse texto possui, sentidos estes que o humor e a desconstrução provocados pela ironia são capazes de revelar. Tal ironia se faz notar ao trazer o tema da corrupção humana para dentro da arca. Nem as águas que preenchem o mundo baixaram, os futuros habitantes deste já se revelam incapazes de habitá-lo com paz e justiça.

A referência à “palavra de seu pai” que nenhum dos filhos pode entender carrega toda uma carga de humor e ironia que o conto de Machado elabora ao apropriar-se do texto bíblico. A mescla de contrários que esse trecho expressa, ao aproximar e fazer conviver lado a lado referências míticas (Noé e seu desígnio divino) e históricas (as guerras do século XIX), sagradas e profanas, solenes e jocosas, mistura que se expressa também no plano da linguagem, pela mescla de palavras e expressões cheias de gravidade com outras menos elevadas, (“Vai bugiar!” ou “Vai plantar tâmaras!”), despojadas de qualquer solenidade, dá o tom do gesto paródico encetado pelo narrador do conto, através do jogo que se permite refazer, subvertendo o texto hebraico a uma nova escrita ficcional, marcada pelo humor e pela inventividade questionadora.

Ainda a respeito do trecho final do conto, é possível dizer que nele há uma crítica à religião, como instituição e como discurso, na medida em que associa a reconstrução do mundo empreendida por Noé e sua família, preservados da ação da cólera de Deus justamente para esse fim, a um ato comercial, no qual as disputas de fundo econômico têm muito mais valor que o significado religioso ou moral da ação futura que, segundo o texto hebraico, Noé e o seus realizaram.

Além de todas as questões já mencionadas sobre o conto, o que mais se faz importante para a sua análise é perceber que a apropriação do discurso bíblico possui implicações formais e auxilia na constituição da forma literária para, por meio disso, dar mostras das questões que o autor analisa e aprofunda. Com base nesses aspectos, evidencia-se que o conto em questão reflete não somente sobre a ganância humana, mas também dá a ver a realidade, incorporada à configuração artística do texto machadiano, da estrutura social brasileira e do seu processo de formação, resultado, dentre outros fatores, da disputa territorial e da afirmação da propriedade privada.

Como afirma Gledson (2005, p. 35) “a capacidade de Machado de viajar no tempo e no espaço só aumenta o seu poder de falar do Brasil”; portanto, a recorrência ao texto bíblico não possui aspirações de caráter unicamente universal, já que permitem entrever questões relativas às peculiaridades do Brasil na época

da produção do conto, mas também relativas a todo o complexo e contraditório processo de configuração do país como estrutura social e política dentro do sistema mundo.

A presença de tal reflexão, no entanto, só se faz perceber a partir de uma leitura mais atenta do conto em questão. Disso decorre o fato de que Machado de Assis caracterizou-se por construir narrativas que se estruturam em dizer o não dito e apreender a história oculta por meio da aparente e caminho necessário para se chegar às questões mais profundas trabalhadas pelo fazer literário machadiano.

Compreender como Machado de Assis constrói uma história oculta por meio da aparente é entender realmente como a sua obra reflete sobre as contradições existentes em nossa sociedade no século XIX e, ao lado disso, amplia questões inerentes à natureza humana, revelando uma profunda ligação do autor com o seu tempo, mas também dando mostras da sua visão cética, que não vê perspectiva redentora para o homem – ser contraditório – nem mesmo para aqueles que se encontram na arca, preservados por Deus por serem tidos como justos.

Comprometido com a sua realidade e com o seu tempo, soube mostrar a realidade por inteiro, valendo-se de ambiguidades e dissimulações para revelar um mundo volúvel, sob a aparente neutralidade das histórias convencionais. Para tal tarefa, não foi preciso prender-se ao critério documental e descritivo vigente à época, pois o autor, mesmo criando mundos fantásticos ou se distanciando para os imemoriais tempos bíblicos, jamais se desvinculou de seu tempo e sua época, propósito já defendido no artigo “Instinto de Nacionalidade” (Assis, 2004, pp. 801-809) e concernente ao conceito de realismo defendido por Lukács.

O teórico observa que a forma escolhida pelo escritor para compor sua obra vai revelar sua posição em relação aos fatos descritos. Em outras palavras, a visão de mundo do escritor, sua capacidade de captar as mudanças sociais e políticas deve revelar que a forma escolhida para escrever não seja uma opção artística, mas sim uma percepção de mudança histórica, na qual o escritor tem um papel fundamental.

Discorrendo sobre a questão do realismo no ensaio *Narrar ou descrever*, Lukács se manifesta da seguinte forma sobre a importância da concepção de mundo do autor para a obra realista:

Mas o escritor precisa ter uma concepção de mundo sólida e profunda; precisa ver o mundo em seu caráter contraditório para ser capaz de selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários. As concepções do mundo próprias dos grandes escritores são variadíssimas e ainda mais variados são os modos pelos quais elas se manifestam no plano da composição épica. Na verdade, quanto mais uma concepção de mundo é profunda, diferenciada, alimentada por experiências concretas, tanto mais variada e multifacetada pode se tornar a sua expressão compositiva. (Lukács, 2010, p. 179)

Não há composição sem concepção de mundo. De fato, a posição de Machado diante do que narra não abandona a dimensão universal – já que tal universalidade está diretamente ligada aos conflitos e sentimentos da alma humana – mas,

simultaneamente, busca construir e aprofundar uma experiência histórica brasileira que nem sempre é agradável, porém que nos fala e que deve ser explorada.

A menção ao episódio atual – disputa territorial entre Rússia e Turquia – inserida no contexto bíblico do episódio da arca de Noé funciona como uma espécie de narração do destino dos indivíduos, tornando a narrativa realista, uma vez que revela traços humanos fundamentais. Há uma posição assumida pelo autor, a qual se pauta por uma liberdade de formas de expressão com o objetivo de encontrar a melhor maneira de dar a ver a sua concepção de mundo, pautada, como já foi dito, por um profundo comprometimento com as questões do seu tempo e, além disso, por um característico pessimismo.

Deus preservou Noé e os seus do castigo destinado aos outros homens, contudo os filhos de Noé agem conforme os castigados. Será que isso escapou à figura divina ou de fato as questões humanas devem ser entendidas excluindo-se essa visão de justos e pecadores? A essência do homem é contraditória e pende para o mal, pois, mesmo beneficiado pela bondade divina, por exemplo, as motivações pessoais, a busca por poder e controle levam-no a ignorar o bem recebido, os vínculos familiares e até a humanidade dos outros em favor próprio. Machado utiliza uma narrativa alegórica, no entanto é perceptível que a ganância como motivadora das ações humanas por uma disputa territorial não deixa de suscitar uma reflexão sobre a lógica capitalista vigente, na qual a ambição se faz constante e de modo cruel inverte os valores da convivência em sociedade, reduzindo as relações humanas a relações fetichizadas.

Esse é o processo de formação do mundo moderno e, mais especificamente, do Brasil, enquanto território invadido, dominado e marcado pela disputa territorial e pela prevalência da propriedade privada, questões tão antigas quanto a própria humanidade, de acordo com o que se verifica no conto.

Ainda segundo Lukács, a literatura deve retratar as mudanças históricas e isso se dá de forma mais intensa e completa quando o autor tem experiências e vivencia os fatos, possibilitando, assim, transpor para a arte a realidade mais pura. Lukács privilegia a literatura que esteja ligada a uma realidade social vivenciada por meio da forma de narrar (em oposição ao modelo descritivo). Logo, o que se encontra no conto machadiano vem ao encontro do proposto pelo teórico. O escritor brasileiro de fato vivencia a sua época, capta a totalidade em que vive, revelando o que há além da sociedade fetichizada, problematizando e discutindo a necessidade de superação de um mundo no qual a divisão do que é de todos em privilégio de poucos se tornou uma constante e assumiu uma aparência de normalidade. Cabe à literatura, portanto, se contrapor a isso e revelar que a essência da vida em sociedade está além dessa aparência fetichizada.

O escritor não se preocupa em tratar de forma abstrata da religião com seus preceitos, dogmas e contradições, quando analisa a postura do homem frente a essa realidade, mas quis levar o seu leitor a entender como esse universo pode ser, e é, construído também a partir de fatores sociais e históricos. Machado de Assis mostra, então, como a literatura revela o processo de construção dessa contradição. O tom universalizante muitas vezes predominante, especialmente quando se pensa em bem e mal, virtudes e vícios e na questão da salvação, não exclui a possibilidade de o conto voltar-se também para um problema local: a

sociedade brasileira e suas inúmeras contradições. Existe, portanto, na narrativa em questão, uma representação dialética de nossa realidade histórica, analisada sob o prisma da religião.

A presença do humor machadiano é tão corrosiva que nem mesmo o universo sagrado lhe escapa. A paródia bíblica exemplificada pelo conto ilustra essa capacidade de relativizar o que era tido como absoluto, a fim de dar a ver as contradições inerentes ao ser humano e o resultado de suas ações – motivadas pelo egoísmo, pela ganância e pelo favorecimento próprio – no mundo que os cerca. Contudo, mesmo carregada de um tom universal, a obra machadiana não perde seu caráter particular, ligado às questões da sociedade brasileira.

Todos esses aspectos mostram como Machado questionou o homem e a sociedade de sua época, por isso agiu contrariamente ao que era padrão e conseguiu ser o mais arguto observador de seu tempo, além de ter se aprofundado na análise da natureza humana e tecido grandes considerações sobre os mecanismos externos e internos que regem a vida. Em todos os casos, o pessimismo será uma constante e o humor irônico, o instrumento que revelará sua atitude diante do mundo em que vive.

Referências bibliográficas

- Assis, M. (2007). *50 contos de Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras.
- Assis, M. (2004). Instinto de nacionalidade. In *Obra completa* (Volume III, pp. 801-809). Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Bastos, H. & Araújo, A. F. B. (Orgs.). (2011). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Bosi, A. (2007). *Machado de Assis: o enigma do olhar* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Candido, A. (2010). *O Discurso e a cidade*. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul.
- Candido, A. (2004). Esquema de Machado de Assis. In *Vários Escritos*. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul.
- Coutinho, A. (1959). *A Filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Frederico, C. (1997). *Lukács – um clássico do século XX*. São Paulo: Editora Moderna.
- Flores da Cunha, P. L. (1998). *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: IEL: Editora Unisinos.
- Gledson, J. (1991). *Machado de Assis: impostura e realismo. Uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Gledson, J. (2006). O machete e o violoncelo. In *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lukács, G. (2010). Narrar ou descrever. In *Marxismo e teoria da literatura* (pp. 149-185). São Paulo: Expressão Popular.
- Meyer, A. (2008). *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio/ABL.
- Secchin, A. C. et al. (Orgs.). (1998). *Machado de Assis, uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio.

Resumo

O trabalho pretende analisar de que modo o conto “Na arca”, de Machado de Assis, ao apropriar-se ironicamente do discurso bíblico presente no Gênesis, problematiza a ganância como reflexo da contradição humana e também discute questões relativas à realidade brasileira e seu processo de formação. O que se pretende mostrar é que a apropriação irônica do texto bíblico, conforme se vê no conto relativiza algo tido como sagrado, de certa forma invertendo-lhe o sentido. Além disso, a estrutura narrativa do conto e a temática nele presente abrem espaço para uma reflexão sobre o universal, ao tratar da ganância humana desde os tempos imemoriais da Bíblia – o que se

nota pela disputa entre os filhos de Noé –, até o século XIX, vide a menção na releitura machadiana à Guerra da Crimeia. Ao recorrer ao texto sagrado da cultura judaico-cristã – não fazendo citações como em outros textos, mas se apropriando, ironicamente, do peculiar discurso bíblico, Machado de Assis não só deixa clara certa relativização do que seria sagrado e, por consequência, intocável e absoluto, como também, pelo conteúdo que insere no discurso bíblico apropriado, uma problematização na tentativa de reinterpretação dos fatos narrados no Antigo Testamento, com intuito de discutir as contradições humanas, mas também, as questões históricas e políticas que a narrativa de “Na arca” deixa ver.

Abstract

The paper intends to analyze how Machado de Assis's short story “Na arca”, ironically appropriating the biblical discourse present in Genesis, problematizes greed as a reflection of human contradiction and also discusses issues related to the Brazilian reality and formation process. What we want to show is that the ironic appropriation of the biblical text, as seen in the story relativizes something considered sacred, somehow reversing its meaning. In addition, the narrative structure of the story and its theme allow for a reflection on the universal, dealing with human greed from the immemorial time of the Bible – as can be seen in the dispute between the sons of Noah – until the 19th century, see the mention in Machado's retelling of the Crimean War. In recourse to the sacred text of Judeo-Christian culture – not making quotations as in other texts, but appropriating, ironically, the peculiar biblical discourse, Machado de Assis not only clarifies a certain relativization of what would be sacred and, therefore, untouchable and Absolute, as well as by the content that it inserts in the appropriate biblical discourse, a problematization in the attempt to reinterpret the facts narrated in the Old Testament, in order to discuss the human contradictions, but also the historical and political questions shown in the narrative “Na arca”.